

DELFIM SANTOS E A FAMÍLIA CASTRO E QUADROS FERRO

ORGANIZAÇÃO DE
FILIPE DELFIM SANTOS

PREFÁCIO DE
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA



FUNDAÇÃO ANTÓNIO QUADROS
EDIÇÕES

ESTUDO INTRODUTÓRIO

POR FILIPE DELFIM SANTOS

O epistolário de Delfim Santos (1907-1966) com António Ferro (1895-1956), Fernanda de Castro (1900-1994) e António Quadros (1923-1993) documenta 22 anos de admiração e estima mútuas, reflectindo magnificamente a época em que viveram estas quatro personalidades marcantes da cultura portuguesa. Teve Delfim Santos um percurso singular, que o conduziu de uma juventude de aprendiz de ourives até ao estudioso profundo e expositor brilhante da filosofia do seu tempo, a par do mestre carismático de gerações de futuros docentes na Faculdade de Letras de Lisboa;¹ e são raras as famílias que se notabilizam literariamente ao longo de duas gerações, como foi o caso da Família Castro e Quadros Ferro – ou também dos Osório de Castro, aqui presentes através de José Osório de Oliveira, grande colaborador de António Ferro e amigo de Delfim Santos – e entre os Castro e Quadros Ferro a sucessão literária corre ainda...

Este carteio inicia-se com o tema dos famosos prémios literários idealizados por António Ferro, genial visionário e homem de letras e de acção, destinados a incentivar novos valores da literatura e ensaio premiando revelações e talentos estreantes, no momento em que em Portugal se desenhava pela primeira vez uma política pública ao serviço da Arte: força motora por detrás de tantas das novas ideias, António Ferro salientou qual a intenção que presidia aos prémios que o Secretariado da Propaganda Nacional (S. P. N.) instituiu: «não consagramos; estimulamos. Os artistas que nos preocupam são os que precisam de nós, do nosso auxílio moral e material (...a nossa preferência vai...) para os mais ousados, para os mais novos dos

1 - Com alguma surpresa comenta António Quadros: «mal sabia eu... ao começar as aulas na Faculdade, o árduo mas fecundo caminho que Delfim Santos percorrera até chegar ali...». António QUADROS (1990) *Delfim Santos, Introdução à Vida e à Obra*, Lisboa: Centro Cultural Delfim Santos, 87.

novos».² Inicia-se pois aqui a longa participação de Delfim Santos nos júris dos prémios de ensaio, um tema que irá inopinadamente regressar à correspondência a propósito da candidatura de António Quadros ao prémio Ramalho Ortigão de ensaio relativo ao ano de 1955.

Será em clave pedagógica, mais do que literária, que prosseguirão os contactos epistolares entre Delfim Santos e os Castro e Quadros Ferro: após uma peça epistolográfica, hoje perdida, do filósofo para Fernanda de Castro, podemos conhecer a resposta da poetisa que lhe marca uma visita à escola infantil de artes e ofícios, a *Colmeia*, que no seu currículo integrava sapataria, marcenaria, costura, bordados e culinária, instalada nas antigas Cavalerias do Infante, em Alcântara. Esta obra pedagógica de Fernanda de Castro suscitara óbvio interesse em Delfim Santos, também ele propugnador da orientação vocacional, do ensino técnico-profissional, do trabalho manual e de uma escola virada não para um oco e fútil saber mas para um autêntico e proficiente saber-fazer. Sobre a amizade entre os dois recolhemos também o testemunho presencial da viúva de Delfim Santos, que relembra um animado encontro entre o marido e Fernanda de Castro em Julho de 1946 no restaurante-barco *Catrineta* ancorado no lago da antiga feira popular do Parque de Santa Gertrudes.

Em 1947, António Quadros, «ainda como aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, inicia-se nas lides literárias. Entre os pensadores portugueses é na figura de Delfim Santos que encontra o seu

2 - António FERRO (1949) *Arte moderna /política do espírito*, Lisboa: SNI, 12.

primeiro mestre»³, que conhecera logo em 1943, no seu 1º ano de Ciências Histórico-Filosóficas, o mesmo ano em que Delfim Santos entra para a Faculdade como assistente-regente após sete anos como bolseiro e leitor de cultura portuguesa no estrangeiro. É previsível que ofereça ao seu estimado Professor essas primícias literárias para sua apreciação, que recebem bom acolhimento por parte deste.

Segue-se um núcleo de troca de correspondência entre Delfim Santos e António Ferro, prosseguindo por via epistolar os contactos iniciados três anos antes e reforçados em 1946, quando da edição do famoso *Portugal: Breviário da Pátria para os Portugueses ausentes*, para o qual Delfim Santos escreveu *O Pensamento Filosófico em Portugal*,⁴ arrojada e polémica síntese do pensamento dos filósofos portugueses que suscitaria acidentados desenvolvimentos, a relatar em outra ocasião e lugar. Talvez não seja coincidência que as relações com o pai de António Quadros se reforcem precisamente no ano da sua desgraça política e subsequente transferência da direcção do Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular (S.N.I.) para o posto diplomático de Berna, marcando o ocaso da boa estrela que até aí coroara todas as suas audácias e as transformara em incontáveis triunfos. A atitude de Delfim Santos é de apoio e solidariedade com o escritor e certamente contrastaria com o abandono de muitos; Delfim Santos sabia pela sua própria experiência académica o que

3 - Mafalda FERRO e Rita FERRO (1999) *Retrato de uma Família*, Lisboa: Círculo de Leitores, 213; nas palavras do próprio António Quadros, «devo antes de mais ninguém a Delfim Santos o despertar para o universo das ideias e o estímulo para começar a pensar pela minha própria cabeça. Tive, na Faculdade, muitos professores nos campos da história e da filosofia, alguns dos quais nomes ilustres. De todos, só Delfim Santos considerei imediatamente como um mestre». António QUADROS (1990) *Delfim Santos, Introdução à Vida e à Obra*, Lisboa: Centro Cultural Delfim Santos, 86.

4 - António FERRO, ed. (1946) *Portugal - Breviário da Pátria para os Portugueses ausentes*, Lisboa: S.N.I., 251-275.

eram as calúnias e maledicências do pequenino meio português e o poder da inveja, tão pródiga em cercar de inimigos todos quantos não se conformassem com a mediocridade imperante.

Já desde as férias de Natal de 1948 que o Professor procurara António Ferro para ampliar a sua colaboração com o Secretariado e com a Emissora Nacional, tutelada pelo S.N.I., no âmbito de programas de promoção e divulgação da cultura portuguesa. É nessa circunstância, agora em inícios de 1949, que se congratula com o consenso obtido pela obra de António Ferro entre sectores muito díspares da opinião política, cativados pela abertura de espírito e ímpeto revolucionário da novíssima articulação do Estado com a cultura. Foi graças a essa orientação tão moderna e tão *à rebours* do conservadorismo reinante que «o S.P.N./S.N.I. não foi sempre, como lhe competia [ser], salazarista».⁵

A propaganda oposicionista a que Delfim Santos se reporta nesse momento é a da campanha eleitoral para a Presidência da República, disputada entre Óscar Carmona e Norton de Matos, tendo este último desistido da sua candidatura antes do sufrágio de 13 de Fevereiro desse ano. Para avaliar a perturbação que este acontecimento trouxe à sociedade portuguesa tenha-se em conta o testemunho de António Quadros que, segundo relata em 1968, teria estado «quase para assinar» as listas de apoio ao antigo Ministro das Colónias: «isso bastou para que o meu Pai pedisse a demissão do seu lugar de Secretário Nacional, demissão que não lhe foi dada e de que desistiu, depois de eu lhe ter garantido que não assinara as listas. Traumatismo violento da minha adolescência».⁶ Decerto que foi um

5 - Artur PORTELA (1987) *Salazarismo e Artes Plásticas*, Lisboa: ICALP, 118. E ainda: «Ferro não é um colaborador automático e estrito. A sua obediência é paradoxalmente rebelde», 54.

6 - Carta de António Quadros a Eduardo Lourenço, 24.09.68, *Colóquio Letras* 171, 2009, 264.

momento difícil para a *Situação* e mais ainda para Ferro, que acabará por sair do Secretariado ainda em 1949 em circunstâncias que geraram alguma revolta, patente nas palavras que então lhe foram dirigidas por parte dos seus admiradores e amigos na homenagem prestada em Janeiro de 1950: «Não correm os tempos propícios à justiça em vida aos homens (...) pois que tudo se sacrifica hoje, sem reboço, às exigências imediatas».⁷ É de lamentar a ausência de uma das cartas de Delfim Santos aqui respondida, datada de Dezembro de 1949, precisamente a única peça em todo o epistolário que um destinatário se propõe conservar. Mas pela resposta de António Ferro sentimos que o apoio que recebeu do filósofo naquele difícil momento foi tocante e expressivo.

Estando os pais ausentes no exterior, o contacto de Delfim Santos com a família Castro e Quadros Ferro centra-se agora no filho, que elege o campo filosófico e literário, sem descurar o das artes, como terreno para a sua crescente afirmação pública. Partindo do existencialismo e do personalismo,⁸ António Quadros retorna à *Renascença Portuguesa* de Pascoaes e Leonardo, desenvolvendo a componente profético-espiritualista e pessoana desta corrente, da qual se tornará um expoente e par de Agostinho da Silva. Delfim Santos, que fora um dos últimos dirigentes da *Renascença* em fase já pós-pessoana e director da 5ª e última série do órgão do movimento, a revista *A Águia*, onde Pessoa se estreara em 1912, desenha um

7 - Vide documento 31. *infra*. A comprovar o carácter hostil da saída de António Ferro da direcção do Secretariado está a escolha dos seus sucessores — não entre os seus colaboradores mais próximos (como parecia prometer o afinal curto e interino consulado de alguns meses de António Eça de Queirós) ou de pessoas animadas por uma mesma visão — mas sim entre homens alheios a uma cultura viva e autêntica e que «não foram mais do que burocráticos mantenedores de mais um aparelho estatal», conforme lamenta António Quadros em carta a Eduardo Lourenço, 24.09.68, *Colóquio Letras* 171, 2009, 264.

8 - «Vejo hoje as principais razões que me afeiçoaram a este movimento [existencialista], do qual me afastei com a maturidade», António QUADROS (1971) *Ficção e Espírito, Memórias Críticas*, Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 179.

percurso inverso, mas não colidente, com o de António Quadros: irá partir do saudosismo nacionalista e espiritualista de Pascoaes via Leonardo para chegar ao existencialismo e personalismo universalistas. O programa traçado por António Quadros abarcava as três preocupações maiores da sua família: a política (de António Ferro), a pedagógica (de Fernanda de Castro e António Quadros) e a filosófica (de António Quadros): «não há política autêntica sem base pedagógica; e não há pedagogia sem filosofia. Assim, vou de novo dar à filosofia portuguesa, que no fundo é o mais perigoso veneno para as Posições e Oposições, pois não é mais do que a exigência de que os portugueses pensem por si e não imitando os outros...».⁹

Tema também mais do que dilecto para Delfim Santos, o da autenticidade portuguesa das ideias a pôr em prática no país: «não são as soluções dos outros que nos podem servir, mas o processo de descoberta da [nossa] *própria e intransferível* solução».¹⁰

Após troca de correspondência sobre a poesia de António Quadros e as felicitações que este envia a Delfim Santos pela sua nomeação para professor catedrático em 1950 — a propósito da qual os dois correspondentes partilham acesas críticas ao academismo — o intercâmbio epistolar desse ano irá incidir no convite para Delfim Santos colaborar com *Acto*, *Fascículos de Cultura*, primeiro órgão do movimento que ficará depois conhecido como *Movimento de Cultura Portuguesa* ou *da Filosofia Portuguesa* e que será animado, entre outros, por António Quadros e por Álvaro Ribeiro, sendo a primazia de honra entregue sempre a este último já que «Quadros

9 - *Id.*, 267.

10 - Delfim SANTOS (1951) *Reformas do Ensino*, (2009) *Obras Completas* 2, 464.

era o mais dinâmico e o mais produtivo [mas] nunca teve a pretensão de ser chefe de fila».¹¹ Se bem que este grupo reverenciase como seu inspirador o prestigiado autor da *Fundamentação Existencial da Pedagogia* e único membro da segunda geração da *Renascença* com carreira universitária feita em Portugal, a aproximação de Delfim Santos, ainda jovem, à filosofia alemã distanciara-o dos aspectos providencialistas, ultranacionalistas e propriamente *saudosistas* desta corrente, com a qual romperia oficialmente no artigo ‘Filosofia e Filomitia’, publicado cerca de dez anos depois.¹² *Filomitia* essa a que a expressão *Patríosofia* viria a dar um sentido positivo. Uma rotura de ordem programática jamais traduzida em afastamento pessoal, já que as relações de Delfim com os membros da *Filosofia Portuguesa* se mantiveram coesas até ao fim, sustentadas em profundo apreço mútuo. E apesar de não ter contribuído directamente para o efémero órgão deste movimento, a sua resposta a um inquérito sobre a crise da universidade lançado pelo paulistano Luís Washington Vita será publicada no segundo e último número de *Acto* de 1/03/52, reintitulada ‘A Metafísica’ entre nós nunca foi ensinada na universidade desde o séc. XVIII.¹³

Precisamente nesse ano de 1952 a mãe de António Quadros obtém de Delfim Santos o que o filho não tivera ocasião de conseguir: a colaboração para uma revista por ela dirigida, a *Bem Viver*, traduzida em dois artigos que ilustram a consideração em que a escritora era tida pelo filósofo.¹⁴

11 - Nas palavras de Afonso Botelho, em Mafalda FERRO e Rita FERRO (1999) *Retrato de uma Família*, Lisboa: Círculo de Leitores, 265.

12 - Delfim SANTOS (1961) *Filosofia e Filomitia*, Lisboa: *Colóquio* 15, Out., 53-54.

13 - Não se tratava, contudo, de publicação original: o texto, escrito em 1950, saíra já a lume durante o ano de 1951 em Lisboa, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

14 - Delfim SANTOS (1953) *A Criança e o seu Mundo*, *Bem Viver - A Criança*, ano 1 nº 3, 26-27; (1954) *Educação e Espírito*, *Bem Viver - Vida do Espírito*, ano 1 nº 8, 9-10.

Um par de anos volvidos e em 1955 chega o momento de Delfim Santos assinalar a António Quadros o pouco que de existencial havia no estudo de arquitectura que este último, a partir da dissertação apresentada para conclusão da sua licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas em 1948, ampliara e publicara em 1954 com o algo ambicioso título de *Introdução a uma estética existencial*: «Entretanto, à minha tese de licenciatura sobre a arquitectura portuguesa, remanejada e desenvolvida, dei o título de *Introdução a uma estética existencial* que o prefácio um tanto artificialmente procurava justificar — mas que a argúcia de Delfim Santos não perdoou».¹⁵

E tal como Delfim Santos, também António Quadros «se revela, igualmente, insigne conferencista e é permanentemente solicitado para proferir palestras sobre os mais variados temas ligados à cultura portuguesa, em particular os relacionados com o sistema de educação universitário que já constituía questão central da revista *Acto* e que, na geração anterior, tanto preocupara os seus mestres Álvaro Ribeiro e Delfim Santos».¹⁶ Em Março de 1958, a Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico organiza um ciclo de conferências sobre o controverso tema da *Acção Formativa da Universidade* juntando duas gerações, e sendo escolhidos para encerrar o ciclo António Quadros em 24 de Março, com a palestra *Da Universidade para a Vida* e em 26 de Março Delfim Santos, que falará sobre a *Missão Humanista na Universidade*. Uma oportunidade para um reencontro, materializado na assistência e comentários de Delfim Santos à intervenção do pensador que se reclamava seu discípulo, sem que António Quadros comparecesse à do seu mestre

15 - António QUADROS (1971) *Ficção e Espírito, Memórias Críticas*, Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural, 178-179.

16 - Mafalda FERRO e Rita FERRO (1999) *Retrato de uma Família*, Lisboa: Círculo de Leitores, 218.

por motivos que ele se apressa a explicar em mais uma missiva e pelos quais pede escusa. E para que não restassem dúvidas que a falta não fora intencional, António Quadros desfaz um mal-entendido que turvara a relação de ambos a propósito da não atribuição do prémio Ramalho Ortigão de ensaio de 1955 pelo S.N.I., então dirigido pelo Emb.^{dor} Eduardo Brazão, ao seu livro sobre estética existencial que Delfim Santos três anos antes criticara. Reconhecido por António Quadros o não envolvimento do seu antigo Professor neste incidente, tecem-se mais algumas considerações de antiacademismo e de pouca fé na instituição universitária, dentro do espírito que a ambos animava de cultivo de uma autêntica educação não subjugada aos ditames do mercado de trabalho. Desgostado pela ideologização e outros vícios do ensino das humanidades no seu país, António Quadros fundaria em 1969 o *IADE*, uma exemplar escola técnica e profissionalizante no domínio que sempre o apaixonara, o da estética e da arte.

Ainda nesse mesmo ano é a vez de Delfim Santos faltar a uma palestra do seu amigo e antigo aluno com o tema *António Ferro, um Enamorado da Paisagem*, integrada nas homenagens que o S.N.I., agora resgatando a memória dos anos dourados de António Ferro,¹⁷ vai justamente prestar ao seu fundador a pretexto da passagem, em Outubro de 1958, do 25º aniversário da criação do Secretariado.¹⁸

Delfim Santos comunga *in absentia* com o que seria a sequência

17 - Em pleno clima de esvaziamento cultural da política estatal e após nove anos de negação da obra de António Ferro, esta homenagem tornou-se possível graças à posse, em 1 de Fevereiro de 1958, do novo Secretário Nacional da Informação, César Moreira Baptista.

18 - A conferência de António Quadros sobre seu Pai teve lugar na Sala do Teatro do Palácio Foz, na tarde do dia 25 de Outubro de 1958, após romagem matinal ao seu túmulo no cemitério do Alto de S. João e de missa na Igreja de Santo António à Sé. As homenagens prosseguiram no dia seguinte com o descerramento de um busto da autoria de Álvaro de Brée e a evocação do grande homem de cultura pelo Ministro da Presidência, Pedro Theotónio Pereira. Nesse mesmo ano foi publicado um álbum comemorativo: AAVV. (1958) *Um Instrumento de Governo – 25 Anos de Acção*, Lisboa: S.N.I.

do gesto de protesto que firmara 10 anos antes, ao subscrever, ao lado dos nomes de António Eça de Queiroz e de José Osório de Oliveira, a lista de *trabalhadores do espírito* que desagravaram António Ferro.¹⁹ Avaliando a cobertura noticiosa, Delfim considera estas iniciativas ainda insuficientes, sugerindo maior aprofundamento do legado de António Ferro, a ser justamente iluminado pelo testemunho do filho do escritor.

Em resposta, António Quadros enuncia a prossecução de dois projectos futuros: o desse tão necessário estudo sobre seu pai e um outro sobre a pedagogia de Delfim Santos, que o encoraja amigavelmente quanto ao primeiro propósito. Iria cumprir ambos: em 1963 edita uma antologia da obra de António Ferro com comentários seus;²⁰ e «em 1966 morre Delfim Santos, seu primeiro mestre de filosofia, com apenas 59 anos de idade»,²¹ mas terá ocasião de, a convite da viúva do filósofo, proferir a conferência de encerramento das comemorações do 80º aniversário do nascimento do seu Professor, contribuindo com um importante estudo consagrado à sua vida e obra que viria a constituir um marco na bibliografia delfiniana.²²

A presente edição deste epistolário constitui-se em expressa

19 - Vide documento 31. *Infra*.

20 - António QUADROS (1963) *António Ferro*, sel. pref. e coment. de A. Q., Lisboa: Panorama.

21 - Mafalda FERRO e Rita FERRO (1999) *Retrato de uma Família*, Lisboa: Círculo de Leitores, 225.

22 - António QUADROS (1987) *Delfim Santos, Introdução à Vida e à Obra*, Lisboa: publicado na edição comemorativa, reproduzido duas vezes no Brasil e mais tarde condensado para a revista *Leonardo*. Vide imagem deste evento em Mafalda FERRO e Rita FERRO (1999) *Retrato de uma Família*, Lisboa: Círculo de Leitores, 246, foto nº 108.

homenagem à amizade que uniu em frutuosa colaboração um excepcional casal de intelectuais e artistas e o seu igualmente notável filho, ao mestre e amigo deste último, que a afortunada preservação destes documentos autoriza e reclama.

Em suplemento documental incluiu-se ainda, para além da reedição de uma recensão de António Quadros ao artigo de Delfim Santos ‘Temática existencial’, a correspondência enviada por José Osório de Oliveira a Delfim Santos sobre a Comissão de Amigos para a homenagem a António Ferro na sua partida do Secretariado em finais de 1949 / inícios de 1950. Como exemplo da relevância deste núcleo documental presente no Arquivo Delfim Santos encontra-se uma significativa supressão textual que sobreveio entre a projectada circular inicial, enviada a poucos, e o impresso final destinado ao conhecimento do público e da imprensa: uma passagem em que precisamente se lamentava a intempestiva e abrupta interrupção dos projectos de António Ferro à frente do S.N.I. que «sabemos que estava ainda na sua intenção realizar». Apesar destas cartas e documentos terem outros autores, são testemunhos históricos em grande parte inéditos que passam a estar ao alcance dos interessados na história total daquela época que cada vez ganha mais estudiosos e interessados entre o público.

Lisboa, 21 de Março de 2011.